

O ESTUDO DO CONSTRUTO AMOR EM ADMINISTRAÇÃO: CIÊNCIA OU SENSO COMUM?

THE STUDY OF LOVE CONSTRUCT IN ADMINISTRATION: SCIENCE OR COMMON SENSE?

Nildes R. Pitombo Leite

Universidade Nove de Julho – UNINOVE

Pós Doutorado pela Universidade de São Paulo – USP

Endereço: Avenida Francisco Matarazzo, 612 - Água Branca

05001-100 - Sao Paulo, SP – Brasil. Telefone: (11) 36659342 Ramal: 9342

Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4785474D2>

E-mail: nildespitombo@consensopg.com.br

Augusto Takerissa Nishimura

Universidade de São Paulo

Mestrando em Administração

Endereço: Rua Gumercindo Barranqueiros, 950, Jardim Santa Tereza

CEP: 13211-410 - Jundiaí-SP. Telefone: (11) 9934.4467

Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4241498E2>

E-mail: augustonishimura@usp.br

Fábio Pitombo Leite

The Ohio State University at Lima

Pós-Doutor pela Ohio State University. Doutor em Mathematical Behavioral Sciences pela University of California, Irvine, Estados Unidos.

Endereço: Ohio State University at Lima - 4240 Campus Dr.

Lima, OH 45804. Telefone: 1 (419) 995-8367

Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4137441U3>

E-mail: leite.11@osu.edu

Data de submissão: 05 Jul. 2010. **Data de aprovação:** 16 Ago. 2010. **Sistema de avaliação:** *Double blind review*. Centro Universitário UNA. Prof. Dr. Mário Teixeira Reis Neto, Prof^a. Dra. Wanyr Romero Ferreira

Resumo

Este artigo tem como objetivo investigar o construto amor no campo da Administração. Para tanto, utiliza-se do estudo observacional, com a observação indireta e não-participante como estratégia de coleta de dados, tomando-se como base empírica o filme “Patch Adams, o Amor é Contagioso” (Tom Shadyac, 1998). Os critérios de escolha para a utilização desse filme foram determinados: pelo pressuposto adotado para a formulação da questão de pesquisa buscada no material fornecido pelo filme ou o de que a metodologia de análise fílmica, por meio do estudo observacional, tem validade e utilidade para o campo de estudos em Administração (DUARTE, 2002; ALMEIDA, 2004; BRANDÃO, 2004; DAVEL, VERGARA, GHADIRA E FISCHER, 2004; LEITE E LEITE, 2007; DAVEL, VERGARA E GHADIRA, 2007; IPIRANGA, 2007; NAPOLITANO, 2009; LEITE E LEITE, 2010); e pelo fato de que ele é baseado em dados verídicos, possíveis, portanto, de serem confrontados empiricamente pela observação participante direta, em pesquisas futuras. A questão de pesquisa acerca da investigação do construto amor no campo da Administração pode ser respondida, inicialmente, por meio deste estudo observacional indireto, desde que o olhar científico dos

pesquisadores em Administração seja capaz de alcançar os meandros do senso comum que coabitam os espaços científicos. Poderá vir a ser também respondida por meio do estudo observacional direto e participante, a partir do trabalho de Hunter Adams e sua equipe, que administram o Instituto Gesundheit – um projeto de assistência médica holística, com sólida estrutura organizacional, existente há quase quarenta anos nos Estados Unidos.

Palavras-chave: Construto Amor em Administração, Estudo Observacional, Linguagem Fílmica, Ciência, Senso Comum.

Abstract

This article aims to investigate the construct of love in the field of Administration. To do so, it uses the observational study, with an indirect and non-participant as a strategy for data collection, using as empirical the movie "Patch Adams" (Tom Shadyac, 1998). The selection criteria for the use of this film were determined by the assumption adopted for the formulation of research question sought in the material provided by the movie or that the methodology of film analysis through the observational study, has validity and usefulness to the Field studies in Business Administration (Duarte, 2002; Almeida, 2004; Brandão, 2004; Davel, Vergara, Ghadira and Fischer, 2004; Leite and Leite, 2007; Davel, Vergara and Ghadira, 2007; Ipiranga, 2007; Napolitano, 2009; Leite and Leite, 2010) because it is based on true events possible, therefore, confronted empirically by direct participant observation, in future research. The research question about the investigation of the construct love the field of Administration can be answered initially by means of indirect observational study provided the scientific view of the researchers in Administration is capable of reaching the intricacies of common sense that cohabit the space science. Could be also answered by means of direct, observational study participant, from the work of Hunter Adams and his team, who run the Gesundheit Institute - a project of holistic health care, with a solid organizational structure, existing almost forty years ago in the United States.

Keywords: Love Construct in Administration, Observational Study, Filmic Language, Science, Common Sense.

1. Introdução

Estudar o construto amor no campo da Administração pode ser considerado ciência? Ou se trata de senso comum, sem legitimidade científica? Ou, ainda, esse construto está fadado a permanecer no rol das palavras proibidas pelos cientistas? Será ele algum dia incluso na lista das palavras permitidas? Alves (2009, p. 102) remete os pesquisadores à reflexão, quando diz que “um cientista brinca com as palavras. Mas não qualquer palavra. Muitas palavras são proibidas. Quais são as palavras que são permitidas”? Examinem-se, antes de tudo, alguns aforismos que podem auxiliar no entendimento de tais questões.

1. Os significados que o amor apresenta, na literatura comum, para Abbagnano (2003, p. 38), “são múltiplos, díspares e contrastantes; igualmente múltiplos, díspares e contrastantes são os que se apresentam na tradição filosófica”.
2. A aprendizagem da ciência é um processo de desenvolvimento progressivo do senso comum e só é possível ensinar e aprender quando se parte do senso comum de que o aprendiz dispõe, conforme assevera Alves (2010).
3. Se for passível de boa formulação e teste adequado, uma teoria científica tanto pode se originar de outra teoria, do senso comum e até mesmo do mito, com base em Popper (2006).

4. Toda tentativa de estabelecer um divórcio entre a ciência e a pessoa é absolutamente irrealista, de acordo com o filósofo da ciência, Polanyi (1958) *apud* Abbagnano (2003).
5. A ideia de não-separatividade, histórica ou cultural, entre o saber dos cientistas e os outros saberes não sustenta o *status* especial para o conhecimento científico e torna sem sentido a questão da demarcação, como defendeu Feyarabend (1975).
6. O amor é uma relação que não anula a realidade individual e a autonomia dos seres entre os quais se estabelece, mas tende a reforçá-las por meio de um intercâmbio, controlado emotivamente, de serviços e cuidados de todo tipo, intercâmbio no qual cada um procura o bem do outro, como seu próprio. (ABBAGNANO, 2003, p. 50).

A partir desses seis aforismos, leve-se em consideração, neste artigo, que se buscou contemplar: Kant (1996), com o projeto racional iluminista, propiciando resposta relativamente satisfatória, a partir da análise da razão, à harmonização do trabalho empírico da ciência, com pressupostos de racionalidade. Reconhecendo, também, que o conhecimento nasce da experiência, a qual não se resume à mera percepção dos objetos, mas é uma apreensão sensível de objetos, no tempo e espaço, em contexto regido por leis que se expressam em juízos de experiências; Kuhn (2001), advogando a impossibilidade de explicar, historicamente, as mudanças ocorridas nas ciências naturais; Popper (2006), argumentando que senão todos talvez a grande maioria, muitos conhecimentos são significativos, aceitáveis e úteis, não obstante fiquem fora da demarcação científica; Alves (2009, pp. 99-100), dizendo que: “Popper é, provavelmente, o mais famoso filósofo da ciência de nosso século [...] alguém que tenta entender o que um cientista faz. [...] O filósofo da ciência se parece com o gramático: ele tenta entender as regras desse jogo linguístico que o cientista joga”; Polanyi (1958) *apud* Abbagnano (2003), defendendo que, o positivismo lógico e toda a estrutura da ciência não poderiam fazer escapar o fato de que todo conhecimento é incerto, comporta risco e só é captado e compreendido por meio de um profundo comprometimento pessoal numa pesquisa disciplinada. Demo (2000), sob a égide do julgamento acadêmico, defendendo os critérios lógico-rationais: coerência, consistência, originalidade, objetivação e sistematicidade.

Se na ciência podem-se observar tais questões estudadas, como nas organizações estão desenhados os modelos dos dirigentes, quer estejam eles envolvidos com atividade coletiva ou individual? Como vêm sendo experimentados trabalho social, espírito de equipe, consciência política, qualidade de vida ou realização pessoal, fruto das vivências das relações sociais nessas organizações? Como está estruturado o projeto dessas organizações no que tange às relações? Como está incorporada a integração do amor ao trabalho? Há sinais de erradicação da separatividade entre a pessoa e o profissional? Como vem sendo considerado o indivíduo no contexto dos grupos, dos departamentos, das organizações, da sociedade? Como são encarados pensamentos sobre o amor, esparsos, isolados e até considerados idealistas na prática da Administração? Como são elencadas possíveis ações que estimulem o envolvimento e o comprometimento das pessoas nas organizações por intermédio desse construto?

Este artigo tem como objetivo, portanto, investigar o construto amor no campo da Administração. Para tanto, além de duas pesquisas bibliográficas, na literatura do senso comum e na científica, utiliza-se do estudo observacional, com a observação indireta e não-participante como estratégia de coleta de dados, tomando-se como base empírica o filme “Patch Adams, o Amor é Contagioso” (Tom Shadyac, 1998). Uma vez microanalisado, esse filme pode ajudar a responder à questão de pesquisa: como é possível investigar o construto amor no campo da Administração?

O filme, por sua vez, baseia-se em fatos verídicos da história de Hunter "Patch" Adams, nascido em Washington D.C., em 28 de maio de 1945, um médico formado pela *Virginia Medical University*, também fundador do Instituto *Gesundheit* em 1972, autor de livros como "*Gesundheit! Good health is a laughter matter*", por sua vez tomado como base de inspiração para o filme, no qual ficam evidenciados os conflitos existentes na medicina, assim como o construto amor como principal valor para o exercício dessa profissão.

2. Breves reflexões sobre o construto, no contexto do senso comum e da ciência

No contexto da ciência e dentre as perguntas formuladas por Mattos (2009, p. 350) para "examinar a adequação e discutir-se a 'cientificidade' em nosso saber..." destaque-se: "é possível distinguir adequadamente ciência de não-ciência?"

Esse autor relembra alguns aspectos de outros aforismos em meio à dicotomia ciência / não ciência, tais como: o conhecimento conceitual, que usa a lógica como seu instrumento básico, foi o berço de todas as ciências orientais; mesmo quando o empirismo passou a valorizar a observação acurada do mundo, o método confiava na razão para chegar a leis e aplicações; a ciência ocidental pós-guerra não mais é vista como conhecimento puro ou neutro, restrito ao racional e absoluto (excludente de outros concorrentes) – ainda que se mostre política e economicamente triunfante através da tecnologia; a impulsão do cientista pela percepção interior do belo está presente em um modelo teórico ou matemático e é imune ao rigor observacional e ao teste empírico.

Assim sendo, o paradigma de que o homem é um ser essencialmente racional carece de revisão, uma vez que traz como consequência a repressão das emoções e dos afetos, prejudicando o metabolismo de base e a saúde mental dos indivíduos nas organizações e instituições de ensino. Por sua vez, esses indivíduos precisam ver significado e valor no trabalho que realizam, além de sentirem-se pessoalmente responsáveis pelas consequências de seus esforços e receber *feedbacks* que os informem sobre os resultados alcançados.

Observe-se, nas teorias das organizações, que, quando a atividade humana é o trabalho, o construto amor deixa de ser considerado importante e pode até ser visto como piegas, pueril, ingênuo e inadequado ao ambiente organizacional. Sorokin *apud* Buscaglia (1995, p. 24) afirma que

as mentes sensatas, as nossas mentes, descrêem enfaticamente do poder do amor. Parece-nos algo de ilusório – chamamos a isso auto-ilusão, o ópio das mentes das pessoas, noções idealistas e ilusão não científica. Temos preconceitos contra todas as teorias que procuram provar o poder do amor e outras forças positivas na determinação do comportamento humano e da personalidade, na influência sobre o rumo da evolução biológica, social, moral e mental, na influência sobre a direção dos fatos históricos, na organização das instituições sociais e culturais. (SOROKIN *apud* BUSCAGLIA, 1995)

Ressalte-se que o sentido de amor, como aqui empregado o termo, é muito amplo, conforme estudado por Nascimento (1977). Não deve ser confundido com o sentido piegas de amor entre duas pessoas. Antes, esse construto deve significar, nas organizações e instituições de ensino, respeito genuíno pela dignidade de outrem como pessoa humana, sentimento de responsabilidade pelo bem-estar e crescimento do outro.

Retomem-se, nesse ponto, os significados que ele apresenta, tanto na literatura comum, quanto na tradição filosófica para Abbagnano (2003). Integrem-se, a tais significados, as inquietações de Mattos (2009), Alves (2010; 2009), Sorokin *apud* Buscaglia (1995) e Nascimento (1977). Busque-se responder: o que pode vir a ser significante e significativo para os mundos organizacional e acadêmico?

Constatem-se, no QUADRO 1, alguns registros acerca do construto amor, sob a premissa de que eles podem contribuir para a discussão da questão que envolve integração entre ciência, não-ciência e senso comum, distanciando-se das dicotomias e refletindo-se, com base em Alves (2009), sobre a distinção de palavras proibidas e permitidas pelos cientistas, infantilizado-se, aqui, o campo da Administração.

Observando-se os conteúdos registrados nesse quadro e ainda que percebidos como senso comum, pode-se remeter à pergunta de como eles podem ser levados a coabitarem os espaços científicos para investigações mais acuradas? Como tais registros podem ser utilizados em prol da perspectiva científica de estudos do construto amor em Administração?

Atente-se, nesse quadro, também para as confluências e complementaridades dos conteúdos desse construto, trazidos pelos autores citados, fora do campo da Administração.

QUADRO 1 - O Construto Amor fora do Campo da Administração

Autores Selecionados	Significados Registrados
Rogers (1977)	Amor, autenticidade, apreço, compreensão, autonomia, autoaceitação, tendência à realização.
Tulku (1978)	Amor, trabalho, talento, responsabilidade, criatividade e comunicação verdadeira.
Fromm (1980)	Amor, atividade criadora, cuidado, conhecimento, ajuste, afirmação.
Buscaglia (1993)	Amor, decisão e ação.
Bolman e Deal (1996)	Amor, abertura e criação de significados compartilhados.
Kaufman (2000)	Amor, escolha, aceitação sem julgamento, contribuição, desenvolvimento de potencial.
Kushner (2000)	Amor, código de ética.
Salzberg (2000)	Amor e benevolência; capacidade de dar e receber.
Maslow, <i>apud</i> Sanders (2003)	Amor, bondade, decência, segurança e autoestima.

Fonte: Os autores, a partir dos dados da pesquisa

Ao analisar tal construto, em seus significados para o mundo organizacional, considere-se que as organizações, invariavelmente, abrigam em seus recônditos sonhos, temores, desejos, esperanças, competências, conhecimentos tácitos e muita vontade de aprender continuamente, acumulados ao longo de anos de histórias de vida dos seus integrantes.

Algumas dessas organizações reconhecem que a eficácia organizacional resulta do trabalho de equipes integradas, administradas com equilíbrio, formando uma constante cadeia de entrelaçamentos emocionais positivos e/ou negativos nas relações interpessoais em todos os níveis.

Não obstante, nesse mundo, ainda se anseia pela derrubada do poder autoritário e pela reeducação das pessoas em suas vivências emocionais e, do mesmo modo, pela reavaliação da importância das relações no trabalho, com vistas a focalizar, construtivamente, ideias, sentimentos e comportamentos e, em consequência, criar um clima de confiança e ajuda mútua.

Para além desse mundo organizacional, quiçá adentrando o mundo acadêmico, Alves (2010, p. 21) assegura que “o senso comum e a ciência são expressões da mesma necessidade básica, a necessidade de compreender o mundo, a fim de viver melhor e sobreviver.” Entre os valores humanos fundamentais, o construto amor quase sempre permeia o senso comum, mas como estará ele elucidado no contexto científico, especialmente na Administração? As expressões dessa necessidade básica estão contidas nesses significados confluentes e complementares apresentados no QUADRO 1.

Ademais e mais além, percebe-se que, dentro do contexto dos mundos organizacional e acadêmico, os estudos associados com a expressão do amor são apresentados sob diversos significados, explícitos ou implícitos, conforme pode ser visualizado no QUADRO 2, dentro do campo da Administração.

Verifiquem-se os conteúdos registrados nesse quadro e observe-se que o construto amor, apresentado sob diversos significados, corrobora o primeiro aforismo trazido para este artigo, baseado em Abbagnano (2003). Relembre, entretanto, que, dentro desse aforismo, tais conteúdos também trazem significados confluentes e complementares.

QUADRO 2 - O Construto Amor dentro do Campo da Administração

Autores Selecionados	Significados Registrados
Explícitos	
Adizes (1991)	Amor, doação; experiência gerencial; capacidade de lidar com a dor interpessoal e aceitação das imperfeições humanas.
Pitombo (1996)	Amor e ausência das máscaras dos papéis.
Wheatley (1996)	Amor, poder e energia nas organizações.
Medeiros (1999)	Amor e perpetuação; felicidade e motivação; trabalho, crescimento e desenvolvimento sustentado; liberdade para errar; acerto com convicção; vontade e ação; sabedoria e alternativas; amor e comprometimento com a satisfação na organização; administração e equilíbrio entre o amor e a razão.
Rocha (2002)	Amor, integração, união, fortificação de relacionamentos; trabalho com o coração; envolvimento; parte integrante de uma construção; reconhecimento e aceitação do outro; confiança; proteção e verdade.
Sanders (2003)	Amor, trabalho, humanidade, compartilhamento; sensibilidade, conhecimento, construção; crescimento; autoconfiança; genuína satisfação.
Marcic (2003)	Amor, virtude e trabalho; confiança; fé; serenidade.
Sampaio & Leitão (2007)	Amor, aceitação do outro como ser legítimo na convivência; aprendizagem; relacionamentos interpessoais e interorganizacionais como principal diferencial competitivo.
Implícitos	
Ashmos & Duchon (2000)	Experimentação de um sentido de propósito e de significado no trabalho.
Kets de Vries (2001)	Sentidos de propósito; prazer; alegria e significado.
Strack et al. (2002)	Unicidade; compreensão mútua; experimentação de um sentido de propósito e de significado no trabalho.
Predebon (2002)	Afetividade; aceitação; convivialidade.
Brandão (2002)	Convivialidade; familiaridade; teia de relacionamentos; solidariedade.
Milliman et al. (2003)	Alegria no trabalho; comprometimento afetivo; satisfação; envolvimento; autoestima.
Gavin & Mason (2004)	Felicidade; trabalho; bem estar.
Duchon & Plowman (2005)	Respeito pela vida interior.
Warr (2007)	Felicidade; sentimentos de prazer
Rego (2009)	Bem-estar afetivo no trabalho; emoções positivas; conforto; prazer; entusiasmo; vigor; serenidade; resiliência; propensão para ajuda.
Paschoal, Torres & Porto (2010)	Afeto positivo; felicidade; realização no trabalho; bem-estar; emoções positivas.

Fonte: Os autores, a partir dos dados da pesquisa

Em meio à confluência e à complementaridade, compare-se com os conteúdos do QUADRO 1 e, lembrando Alves (2010), reitere-se que: ele define a ciência como uma metamorfose do senso comum; afirma que sem o senso comum, a ciência não pode existir; afirma ser essa a razão porque não existe, na ciência, nada de misterioso ou extraordinário.

Por intermédio dos conteúdos do QUADRO 2, indague-se se: os modelos dos dirigentes organizacionais, quer estejam eles envolvidos com atividade coletiva ou individual podem estar expressos por Adizes (1991), Pitombo (1996) & Medeiros (1999); a experimentação de trabalho social, espírito de equipe, consciência política, qualidade de vida ou realização pessoal, fruto das vivências das relações sociais nas organizações pode ser representada por Rocha (2002), Sanders (2003), Sampaio & Leitão (2007); a estruturação do projeto das organizações no que tange às relações, por Predebon (2002), Rego (2009), Paschoal, Torres & Porto (2010); a integração entre amor e trabalho pode ser representada por Marcic (2003), Ashmos & Duchon (2000), Strack et al. (2002), Milliman et al. (2003); os sinais de erradicação da separatividade entre a pessoa e o profissional, por Kets de Vries (2001), Gavin & Mason (2004), Duchon & Plowman (2005) & Warr (2007); o indivíduo no contexto dos grupos, dos departamentos, das organizações, da sociedade, por meio de pensamentos sobre o amor, aqui não mais esparsos e isolados, mas elencados como possíveis ações que estimulem o envolvimento e o comprometimento das pessoas nas organizações, pode ser expresso por Wheatley (1996) & Brandão (2002).

3. Aspectos metodológicos

Sobre a abordagem de pesquisa qualitativa, Chizzotti (2008, p. 58) enfatiza:

os pesquisadores que optaram pela pesquisa qualitativa, ao se decidirem pela descoberta de novas vias investigativas, não pretenderam nem pretendem furtar-se ao rigor e à objetividade, mas reconhecem que a experiência humana não pode ser confinada aos métodos nomotéticos de analisá-la e descrevê-la. (CHIZZOTTI, 2008)

Assim respaldado, este artigo utiliza-se da pesquisa qualitativa e enfatiza o estudo observacional, com a observação indireta e não-participante como estratégia de coleta de dados, tomando-se como base empírica o filme “Patch Adams, o Amor é Contagioso”.

Os critérios de escolha para a utilização desse filme foram determinados por quatro aspectos igualmente relevantes: o pressuposto básico, adotado para a formulação da questão de pesquisa e busca do material fornecido pelo filme é o de que a abordagem de pesquisa qualitativa, o método fenomenológico e a técnica de análise fílmica como investigação científica, por meio do estudo observacional, têm validade e utilidade comprovadas para o campo de estudos em Administração (DUARTE, 2002; ALMEIDA, 2004; BRANDÃO, 2004; DAVEL, VERGARA, GHADIRA E FISCHER, 2004; LEITE E LEITE, 2007; DAVEL, VERGARA E GHADIRA, 2007; IPIRANGA, 2007; NAPOLITANO, 2009; LEITE E LEITE, 2010); a observação de que, nesse filme, o construto amor é elucidado na medicina; o fato de que ele é baseado em fatos verídicos, possíveis, portanto, de serem confrontados empiricamente pela observação participante direta, em pesquisas futuras; a premissa de que a associação da técnica de análise fílmica com a elucidação de um construto já estudado em outra ciência pode constituir-se em uma ferramenta revitalizadora para o campo de ensino-aprendizagem e pesquisa em Administração.

Saliente-se que o estudo observacional encontra-se no bojo das pesquisas qualitativas. De acordo com Chizzotti (2008, p. 26), essas pesquisas

não têm um padrão único porque admitem que a realidade é fluente e contraditória e os processos de investigação dependem também do pesquisador – sua concepção, seus valores, seus objetivos. Para esse pesquisador, a epistemologia significa os fundamentos do conhecimento que dão sustentação à investigação de um problema. (CHIZZOTTI, 2008)

Encaixado na perspectiva do exame minucioso de comportamentos ou atividades, o estudo observacional pode ser classificado como direto ou indireto. Neste artigo, cuja base empírica

é um filme, o estudo observacional é indireto, podendo-se extrair dados referentes aos comportamentos verbal e não-verbal dos personagens. Não obstante ser menos flexível do que a direta, de acordo com Cooper e Schindler (2003), a observação indireta também é muito menos tendenciosa e pode ser muito mais acurada. Esses autores consideram como vantagem da observação indireta a possibilidade de o registro permanente poder ser reavaliado para incluir vários aspectos diferentes do fato.

Tomando-se um filme como base empírica e atentando-se para os procedimentos de coleta dos dados, essa reavaliação pode ser feita com mais acuidade, uma vez que os registros também podem ser revistos e rediscutidos incontáveis vezes. Quer se trate de uma ação espontânea ou ocasional, de uma constatação metódica ou planejada, a observação é vista por Abbagnano (2003) como verificação ou constatação de um fato. Enfatize-se que, para efeito deste artigo, a observação é estruturada e não-participante, privilegiando-se a verificação metódica ou planejada.

Conforme salienta Gil (1999), qualquer investigação em ciências sociais, deve se valer de procedimentos observacionais, em mais de um momento, podendo ser utilizada a observação simples. Nessa observação, a coleta de dados é seguida de um processo de análise e interpretação, o que lhe confere a sistematização e o controle requeridos dos procedimentos científicos.

No que tange aos procedimentos de análise dos dados, uma das formas utilizadas para a análise do material recolhido de um filme, incluindo a linguagem verbal e a não-verbal, é a metodologia reflexiva, a qual se caracteriza, basicamente, pela interpretação cuidadosa e pela reflexão. Com ela, o observador limita-se a interpretar, pois não considera possível o acesso direto à realidade. Com a revisão dos registros das cenas, bem como com a sua rediscussão, a reflexão é respaldada em dados observáveis, vistos em mais de um momento.

A linguagem fílmica, por sua vez, traz a análise do discurso, a qual exige sensibilidade para se aptar e interpretar a subjetividade embutida no verbal e no não-verbal. Portanto considere-se, também, o uso da análise do discurso, na medida em que ela permite reconhecer o significado, tanto do que está explícito quanto do que está implícito nas mensagens captadas nas variadas cenas do filme, aqui utilizado como unidade de análise. Saliente-se que, neste estudo, fez-se uso dos insumos trazidos por Vergara (2005), tanto no que se relaciona com a metodologia reflexiva quanto no que diz respeito à análise do discurso. Para a escolha da análise do discurso, foram também levadas em consideração as contribuições de Flick (2004), que mostram o envolvimento de estudos analíticos do discurso, combinando procedimentos analíticos linguísticos com análises de processos de conhecimentos e construções, sem se restringirem aos aspectos formais das apresentações e dos processos linguísticos.

Com relação à análise e discussão dos resultados, enseje-se que, alimentada pela observação, a análise fílmica, antes de tudo, dá-se pela entrega ao diálogo da comunicação, com atitude despojada e aberta. Sob a vistosidade das formas cinematográficas está implícito o conteúdo. Ao analisar os aspectos formais do cinema, encontram-se suas mensagens sutis ocultas. Através da emotividade, da plástica, do ritmo e das sutilezas do movimento da câmera, o cinema expressa uma cosmovisão, uma filosofia da vida, conforme elucidada Espinal (1976).

Com essa entrega para a comunicação e a vistosidade cinematográfica em evidência, a análise fílmica é desenvolvida em duas fases: uma analítica, com linguagem racional e visão dos pormenores e outra sintética, com sentido intuitivo e visão do conjunto. Na fase analítica, estão contidos os aspectos argumentativos, narrativos, linguísticos e culturais. Na sintética, o

sentido total do filme, seu tema e sua moral. Analisar um filme, portanto, implica compreender sua linguagem, não só as palavras, mas algo mais que o argumento.

Para efeitos deste estudo, foi adotada a noção de diferentes interpretações dos dados coletados do filme em questão, considerando-se que essas interpretações, de múltiplos intérpretes, podem ser analisadas e comparadas no tocante às diferentes construções de suas realidades, conforme sugerido por Flick (2004).

A sinopse do filme escolhido para este artigo aponta que, em 1969, após tentar se suicidar, Hunter Adams (Robin Williams), voluntariamente, interna-se em um hospital psiquiátrico. Ao colaborar com outros internos, descobre que deseja ser médico para poder ajudar as pessoas. Decide sair do hospital e, dois anos depois, ingressa na faculdade de medicina. Observando os professores em ação, Hunter explicita a consciência de que lhes falta a humanidade, entendida como amor, respeito, apreço, consideração, estima e calor humano nas relações médicos-pacientes, médicos-enfermeiros.

O brilhantismo de Hunter, primeiro aluno da turma, possibilita-lhe criar um movimento revolucionário e seus métodos não-convencionais causam inicialmente espanto, mas, aos poucos, vão conquistando pacientes, enfermeiros e colegas de turma. Entretanto Hunter esbarra nos preconceitos do Reitor Walcott, que engendra esforços para expulsá-lo da Faculdade e do campus da Universidade, o que pode traduzir-se em despreparo das organizações para esses métodos não convencionais. Peci (2004, p. 46) afirma que “[...] é preciso (des) construir a forma de observar o nosso objeto de estudo, as organizações, mantê-las em suspense, questionar a sua existência e pesquisar as suas formas de (trans) formação.” Tal afirmação é, também, aqui tomada como base que justifica este estudo.

4. Apresentação e análise dos resultados na perspectiva de significados e significação do construto na linguagem fílmica

Conforme visto em Abbagnano (2003), a moderna ciência da linguagem tem ressaltado a importância das estruturas linguísticas ou das possibilidades de combinações delimitadas pela linguagem. Aumont e Marie (2003, p. 269) elucidam que “em linguística estrutural, significação designa a relação entre o significante e o significado [...] a face significante é a material, física, sensorialmente apreensível; a face significada é imaterial, conceitual, apreensível intelectualmente.” Neste estudo, pôde-se buscar, no filme, o sentido para a palavra amor, a sua significação na medicina percebida por Hunter Adams, o quão significante é o seu significado para a ciência, nessa área, significado esse, nascido da apreensão conceitual e intelectual de uma pessoa, com adesão de todos os outros que lhe deram sustentação.

Assim, o filme estudado, provisoriamente, pôde ser tomado como um grande texto, do qual surgiram palavras e parágrafos, mas não como um texto escrito. Nele encontraram-se, além dos sons, as cores, as coisas, o ambiente, as pessoas que o circundam, os cheiros, às vezes o gosto, tudo embutido na fala dos personagens, como explicitado por Almeida (2004). O autor argumenta que se pode falar sobre filmes, utilizando-se daquilo que se lança mão para falar sobre língua, literatura e histórias. No entanto a relação do filme com a linguagem/oralidade é a possibilidade de união em um universo em que pessoas e histórias compõem um mundo significativo. Para esse autor, em um filme, os significados fazem-se não só das vozes, mas de todos os sons e imagens que se sucedem, compondo um processo metonímico de significação. Especificamente no filme microanalisado, tudo isso ficou facilmente visível à compreensão dos pesquisadores envolvidos neste estudo.

Como enfatizado por Duarte (2002, p.31), “conhecer os sistemas significadores de que o cinema se utiliza para dar sentido às suas narrativas aprimora nossa competência para ver e nos permite usufruir melhor e mais prazerosamente a experiência com filmes.” Nesse filme,

tal conhecimento permitiu entender o sentido do construto amor no contexto da Medicina e comparar com a perspectiva apresentada na Administração.

Ainda conforme o pensamento de Almeida (2004, p. 29) “o significado de um texto/ filme é o todo, amálgama desse conjunto de pequenas partes, em que cada uma não é suficiente para explicá-lo, porém todas são necessárias e cada uma só tem significação plena em relação a todas as outras.” De acordo com Brandão (2004, p. 4) e em linha com Almeida, “[...] o cinema tem a propriedade de ser um sistema de significados. Ele não se limita a narrar os enredos. Através do simbolismo de suas ações, também produz ideias.” Na linguagem escrita a palavra designa a obra literária. Para Aumont e Marie (2003, p. 291), “[...] a etimologia remete ao sentido de tecido ou de trama.”

Nesse sistema de significados, entende-se que a apropriação da linguagem fílmica no campo de estudos sobre ensino-aprendizagem e pesquisa em Administração também vem sendo observada em consonância com a característica da própria linguagem cinematográfica, em sua pluralidade de níveis de leitura. A possibilidade de aprendizagem gerada por meio da linguagem fílmica e pela promoção da necessidade de observação sistemática, minimizando erros e potencializando incessantes verificações é salientada por Vanoye e Goliot-Lété (1992). Esses autores reforçam que o filme constitui-se recurso para a condução de microanálises necessárias e pertinentes à questão de pesquisa. Neste estudo, os resultados das microanálises podem ser vistos no QUADRO 3.

Essas microanálises mostram que, no que tange ao construto amor e com base em Rogers (1977), se os indivíduos relacionam-se de maneira harmoniosa, com simpatia e afeto, as probabilidades de colaboração aumentam muito, a sinergia pode ser atingida e resultados produtivos podem surgir de modo consistente. Tais probabilidades emergem porque, segundo esse autor, sob essas condições, os indivíduos exercitam, de maneira simples e direta, o início e a manutenção do processo de administração de seus conflitos, protegidos pela confiança e pela possibilidade de contar com a colaboração de todos, revelando suas dificuldades, frustrações e anseios.

Assim sendo, pergunte-se: o construto amor já pode ser visto como um instrumento poderoso, a ser utilizado pelas organizações em prol do resgate da produtividade natural do indivíduo e da competitividade dessas organizações?

Por tudo o que representa o trabalho com filmes e, especificamente com o filme analisado neste estudo, entende-se ser relevante atentar para o(s) significado(s) (buscando o sentido), para a significação (valorizando a importância), para a significância (reforçando o entendimento do(s) significado(s)) e, sobretudo, para o quão significativo (buscando exprimir de maneira sensível) e o quão signifiante (entendendo ampla e dialeticamente) pode tornar-se o construto amor nos mundos organizacional e acadêmico, especificamente no campo de estudos da Administração.

O QUADRO 3, além de apresentar outros significados registrados pelo senso comum, enfatizados de modo próximo aos conteúdos dos QUADROS 1 e 2, traz as cenas do filme – não dispostas em ordem cronológica – que podem ser associadas a esses registros, após a condução de microanálises necessárias e pertinentes à questão de pesquisa: como é possível investigar o construto amor no campo da Administração? Relembre-se de que tais registros foram obtidos por meio de um estudo observacional.

QUADRO 3 - O Construto Amor dentro da Unidade de Análise

Outros Significados	Cenas do filme associadas a esses Significados
<p>Hellinger & Hövel (2004) Amor, conhecimento das limitações; reconhecimento das diferenças; conquista; comunhão entre os seres humanos.</p>	<p>Cena 35: No Hospital Psiquiátrico Fairfax, Hunter Adams e Arthur Mendelson dão-se conta das diferenças e da comunhão. Hunter é batizado de "Patch", por Artur. Cena 39: Para superar suas limitações Hunter sai do Hospital, no qual se internou espontaneamente, decidido a ajudar as pessoas e ingressa na Virginia Medical University para estudar medicina.</p>
<p>Kaufman (2000) Amor, atitudes; consciência e decisão.</p>	<p>Cena 36: Ainda no Hospital Psiquiátrico, Hunter "Patch" Adams ajuda Rudy, seu colega de quarto, a superar o medo dos esquilos imaginários. Emociona-se ao perceber que ofereceu a ajuda que importava para Rudy, conectando-se com ele como outro ser humano. Decide que quer ajudar as pessoas, dando-lhes atenção. Cena 81: Num quarto do Hospital Universitário Patch brinca com um senhor e um menino. O Reitor Walcott entra e pergunta-lhe o que está fazendo. Ele diz: "graça para eles rirem. Foi provado que o riso aumenta a secreção de endorfinas, que relaxam as artérias, acelera o pulso e baixa a pressão, melhorando assim a circulação e beneficiando a reação imunológica."</p>
<p>Leloup (2002) Amor, força e superação.</p>	<p>Cena 43: No auditório, o Reitor Walcott fala da relação médico-paciente e da sua tarefa de desumanizar os alunos transformando-os em médicos nos quais os pacientes confiem. Diante do absurdo, Patch mostra-se inquieto e não o aplaude ao final do discurso. Cena 52: No Hospital, um grupo de alunos acompanha o Professor Eaton em visita aos pacientes. Diante de uma jovem o Professor descreve a doença, fala em amputação e os alunos fazem perguntas sem se aperceberem do constrangimento dela. Patch pergunta ao Professor o nome da paciente e os demais alunos se voltam para olhá-lo. O Professor, encabulado, olha a prancheta e responde. Patch diz: "Olá Margery". A jovem sorri e retribui o cumprimento. Cena 54: Saindo do quarto de Bill Davis, um paciente em processo terminal com câncer de pâncreas, a enfermeira Judy queixa-se do modo como ele age. A enfermeira Jolleta diz que a entende e pergunta-lhe como se sentiria no lugar dele. Cena 90: Em sua sala o Reitor Walcott diz a Patch que ele está dispensado da Faculdade, para retirar-se do campus. Patch pergunta-lhe por que o considera uma ameaça e o Reitor responde-lhe que ele quer rebaixar os médicos ao mesmo nível dos pacientes e destruir o objetivo, só para defender um sistema idealista e resolver os seus problemas de inadequabilidade. Cena 131: Truman diz para Patch: "não podemos fechar [...] A morte de Carin não anula a ajuda aos outros."</p>
<p>Hay (2000) Amor, bloqueios e desbloqueios.</p>	<p>Cena 46: Patch Adams e Truman Schiff conversam sobre os sonhos. Patch quer ajudar, além do tratamento o consolo e o aconselhamento diante das vulnerabilidades. Truman mostra seu fascínio pelo desenvolvimento da mente humana. Ambos concordam com a necessidade de tentar reverter perdas causadas pela diminuição da espontaneidade, da abertura e da liberdade pelos amoldamentos e condicionamentos pelos quais o ser</p>

	humano passa.
Mayeroff, <i>apud</i> Sanders (2003) Amor e crescimento.	Cena 47: Enquanto conversam, Patch diz a Truman: “Nos tornamos médicos para ajudar as pessoas [...] para ser médico se deve tratar a doença e o paciente, mergulhar e entrar no mar da humanidade.” Cena 94: Carin pergunta a Patch como foi capaz de promover uma surpresa tão linda de aniversário, tendo sido tão maltratado por ela.
Outros Significados	Cenas do filme associadas a esses Significados
Bolman e Deal (1996) Amor, dádiva e doação contínua.	Cena 59: Por acaso Patch entra numa enfermaria de crianças. Aproxima-se de uma garotinha, Cameron e apresenta-se. Em seguida vê objetos que podem ajudá-lo a diverti-la e faz uso deles. Desperta a atenção de todas as crianças, que se divertem alegremente, até a chegada da responsável pela enfermaria.
Buscaglia (1993) Amor, crescimento; empatia; capacidade ilimitada.	Cena 68: Patch continua visitando pacientes. Brinca com Cameron e mais duas crianças com uma máquina de controle, fingindo ser uma TV, com a qual ele não consegue lidar. Cena 69: Novamente na ala infantil, Patch faz apresentação com marionetes, falando de narcolepsia. Depois reúne todas as crianças para fazerem apresentações de palhaços. Os plantonistas do posto de enfermagem param para assistir e aplaudir. Cenas 117, 118 e 119: O movimento torna-se intenso na casa do sítio. Larry entra e Carin pergunta como podem ajudá-lo. Truman fala sobre as pessoas vindas de três clínicas. Patch aparece brincando com as crianças. Passa em frente à TV e pergunta a Frank se está melhor. Carin o chama para apresentá-lo a Larry. Patch pede a Truman que mostre o lugar para Larry. Patch comenta com Carin que o viu na ronda médica no Hospital. Carin diz que Larry é esquisito. Patch pergunta quem terá compaixão, se eles não tiverem.
Gawain (2000) Amor, honestidade; confiança e abertura; saber ouvir sem julgar; empatia e solidariedade.	Cenas 71 e 72: Dentre alguns alunos, Carin Fischer acompanha com os dedos os nomes na lista de notas. Demonstra surpresa ao ver 79 em seu nome. Patch chega e fala para ela não acreditar em tudo o que ler e que ela não parece precisar do grupo. Ela lhe responde que não tirou 98 (referindo-se à nota dele), mas continua e diz a Patch da frustração que sente, pois estuda todas as noites e mal se segura. Patch lhe pede para deixá-lo ensinar-lhe algo. Cena 94: Carin diz a Patch que soube algo a respeito dele. Ele pergunta-lhe se foi sobre sua estada no hospício e lhe conta que tentou suicidar-se. Afirma que aprendeu bastante lá e Carin lhe pergunta se os médicos o ajudaram. Ele responde que não, que os pacientes o ajudaram e o fizeram ver que os ajudando ele esquecia os seus próprios problemas. Lembra-se de como ajudou vários deles, especialmente Rudy e afirma que é uma sensação incrível.
Gibran (1978) Amor e plenitude.	Cena 73: Patch mostra a Carin o que era uma seringa de enema e diz: “esta incrível peça de borracha, quando usada no rosto pode espalhar alegria até entre pacientes que falam, me contam seus sonhos, fantasias. Se acertado no tema, se animam, mesmo que seja um segundo. Deixam de pensar na dor. Nem mesmo sentem [...] Ponha

	<p>e venha me ajudar.”</p> <p>Cenas 74, 75 e 76: Patch, Carin e Truman despertam um paciente, Jackie, para realizar seu sonho com brincadeiras de safári, sob a anuência da enfermeira Jolleta. Todos os demais pacientes se envolvem de algum modo. Jackie diz: “Foi incrível Patch, quase como se fosse de verdade. Um último safári. Era tudo que eu queria.” Olhando para Truman e Carin Jackie diz: “obrigado a vocês dois. Foi maravilhoso. Faz tempo que não me divirto assim.”</p>
<p>Bolman e Deal (1996)</p> <p>Amor e poder compartilhado; organização e trabalho em prol de uma causa comum.</p>	<p>Cena 116: O trabalho é incessante e todos se ajudam na casa do sítio (futura sede do Instituto Gesundheit).</p> <p>Cena 132: No Hospital, Mich Roman diz a Patch: “você não pode ir [...] A Sra. Kennedy do quarto 212 não quer comer. Há três semanas que a visito diariamente. Não consigo fazê-la comer [...] Estudei inexoravelmente [...] Você tem um talento. Sabe lidar com gente. Gostam de você. Se for embora não poderei aprender seu método”</p>
<p>Siegel (2000)</p> <p>Amor, preservação da natureza, da sociedade ou de um indivíduo.</p>	<p>Cena 83: Patch, ao descobrir que Mich Roman, inconformado por não ser o primeiro da classe o acusara de colar para o Reitor Walcott, lhe diz: “[...] Esqueci-me de como é jovem. Pensa que para conseguir algo tem de ser cretino. Pensa que é uma ideia nova.”</p>
<p>Outros Significados</p>	<p>Cenas do filme associadas a esses Significados</p>
<p>Shield (2000)</p> <p>Amor, pensamento; sentimento e comportamento.</p>	<p>Cenas 85 e 86: Não obstante ter sido agredido pelo paciente do quarto 305, Bill Davis, na cena 79, Patch não desiste de tentar ajudá-lo. E, sob o olhar espantado da equipe de enfermagem, entra novamente nesse quarto. De início Bill tenta reagir, mas, aos poucos, entra em sintonia com Patch. Sob o olhar, mais espantado ainda da equipe de enfermagem, Patch sai conduzindo-o pelo corredor para um passeio. As enfermeiras Jolletta e Judy gargalham ao vê-los sintonizados.</p> <p>Cena 87: Hunter Adams é o escolhido como o aluno excepcional que preparará as boas-vindas aos especialistas no Seminário de Ginecologia. Mich não disfarça o seu desapontamento.</p>
<p>Kornfield (2000)</p> <p>Amor, formas de ouvir o outro; atenção; conexão; recuperação do respeito.</p>	<p>Cena 91: Em sua sala, o Reitor de Medicina, Dr. Anderson, procurado por Patch, ouve que o Reitor Walcott quer impedi-lo de formar-se, não obstante suas notas altas. Anderson fala sem rodeios e diz que não pode dirigir o Hospital e a Faculdade sem confiar em seus subalternos e que depende deles para ficar bem e de Walcott para ficar a par do que acontece por lá, por isso nunca poderia aceitar a palavra de um estudante contra a dele. Entretanto diz também que tem outro informante que enfatiza os benefícios das “palhaçadas” para o Hospital, como a diminuição do uso de medicamentos e de queixas de dores, inclusive com o paciente do quarto 305. Aconselha a Patch que evite o Reitor Walcott e só vá ao Hospital se fizer parte do currículo.</p> <p>Cena 98: Patch está saindo do Hospital, quando se depara com uma mãe desesperada, pedindo para ver a filha que está em estado muito grave e observa a atendente insistindo no preenchimento dos papéis antes que a mãe seja autorizada a ver a filha.</p>
<p>Hendrix (2000)</p> <p>Amor, empatia; integração; individualidade e respeito.</p>	<p>Cenas 96 e 97: A enfermeira Jolletta vê Patch e diz que o estava procurando. Patch entra no quarto 305 e vê a esposa e os filhos se despedindo de Bill Davis. Aproxima-se dele e brinca. Bill pergunta-lhe se os filhos não são</p>

	<p>lindos e lhe pede que cante a música “idiota”. Patch canta, enquanto Bill se vai serenamente.</p> <p>Cena 99: Patch conversa com Truman sobre a mãe desesperada que viu no Hospital e diz que ninguém deveria ser separado de um filho agonizante para encher formulário. A garçonete ouviu a conversa e relata que teve apendicite e, como esqueceu o cartão de seguros, mandaram-na de volta para casa. Outras três pessoas entram na conversa e fazem os seus próprios relatos. Patch ouviu a todos. Truman fala das normas do Hospital, de como o seguro encarece e pergunta o que fazer. Patch tem uma ideia, juntando tudo que ouviu. Despede-se e sai correndo para contar a Carin.</p> <p>Cena 100: Patch mostra a Carin as suas ideias sobre o projeto de um Hospital gratuito, divertido assimétrico, passagens secretas, salas de jogos com o uso do bom humor para curar e aliviar. Médicos e pacientes trabalhando como iguais, sem títulos, sem chefes. Gente vinda de toda parte para ajudar o próximo. Uma comunidade onde reine a alegria, a meta seja aprender e, o amor, o valor. Diz que precisa dela para ajudar. Carin pede-lhe que a ouça que não é como ele, quer a bata branca, o título, o reconhecimento. Patch afirma que a vida é mais do que o Reitor Walcott diz que se baseia em controle e poder. Olha para Carin e diz que sabe que ela tem medo. Carin afirma que sim.</p>
<p>Carson & Shield (2000)</p> <p>Amor, energia e troca.</p>	<p>Cena 101: Em uma ronda pelo Hospital, já no terceiro ano, o Professor Eaton explica a Patch que Larry vem e vai há anos, não por acidente, mas por depressão seguida de mutilações, desde que o pai morrera. Patch agradece pela ronda. O professor diz o quanto Patch é útil ao Hospital, pois o sistema é assim imperfeito e único e depois de algum tempo as pessoas perdem a energia. Patch pergunta por que tem que ser assim. Por que não pode mudar. O Professor responde: “descubra como, Patch, e pode contar com o meu apoio.” Adiantando a ronda ele diz que “o leito 6” – corrigindo diz – “a Sra. O’ Bannon precisa de exame de sangue.”</p> <p>Cena 102: Simultaneamente o Professor e Patch vão atender dois pacientes em leitos próximos. Patch ouviu o professor chamando o paciente por Ed e perguntando-lhe se sente tontura. Patch pergunta a Sra. O’ Bannon se pode chamá-la de Catherine e avisa que vai tirar sangue para os exames. Patch vê o Professor mostrando quatro dedos para Ed, perguntando-lhe quantos dedos ele vê e insistindo na resposta. Patch o acompanha com o olhar, curioso e sorridente, lembrando-se de Arthur Mendelson no Hospital Psiquiátrico, mostrado com o mesmo foco, nas cenas 12, 13, 27, 34 e 35.</p>
<p>Outros Significados</p>	<p>Cenas do filme associadas a esses Significados</p>
<p>Hoffman (1994)</p> <p>Amor, confiança; compreensão; escolha e criação de realidade própria.</p>	<p>Cenas 103 e 104: Diante de um lugar lindo Patch pede que Carin abra os olhos e lhe diz: “cento e cinco hectares, de floresta, sete rios, duas cascatas, a futura sede do Instituto Gesundheit”. Diante da casa no local, Carin pergunta a Patch o que é e ele responde: “Nosso novo Lar”. Truman aparece na varanda e pergunta a Carin o que achou. Carin pergunta a Patch como encontrou o lugar. Ele aponta para Arthur Mendelson, informando que tudo é dele e que, por enquanto, estava alugando até poder comprar. Patch diz</p>

	<p>para Carin que existe lugar para ela. Chega Bile, cumprimentado por Patch. Carin pergunta quem é ele e Patch responde que é um velho amigo sem seguro médico e ficará por uns dias.</p> <p>Cena 108: No Hospital, uma senhora chega agoniada, procurando por um médico. A atendente diz que algo está vencido e parece que não há entendimento entre as duas.</p>
<p>Gibran (1978, p. 25)</p> <p>“[...] O trabalho é o amor feito visível”.</p>	<p>Cenas 103, 104, 105, 106 e 107: Patch e Truman pintam as janelas do lado de fora da casa do sítio. Patch, Bile e Truman consertam a porta. Patch e Truman ajeitam a muradilha da varanda. A enfermeira Joletta chega com as compras e arruma tudo nos armários da cozinha. Carin limpa a pia.</p> <p>Cenas 112, 113, 114 e 115: Carin e Truman atendem às pessoas que chegam. Do lado de fora da casa algumas pessoas se ajudam preparando e servindo alimentos. Carin, Truman e Patch ajudam a pintar a fachada da casa. Carin e Patch brincam se pintando, sob as gargalhadas da enfermeira Joletta. Patch e Carin caem na bacia de tinta, enquanto Mendelson aplaude e ri. Todos posam para foto na varanda, após o trabalho realizado.</p>
<p>Chopra (1994)</p> <p>Amor, harmonia; alegria; ações motivadas pelo amor e união, pela energia do amor.</p>	<p>Cena 121: Carin acende os lampiões na varanda da casa das cenas 103, 104, 105, 106, 107, 112, 113, 114 e 115. Patch chega e senta nos degraus da entrada. Observa Carin e pergunta se ela está bem. Carin senta ao seu lado e diz: “é impressionante, Patch. O que você fez com este lugar.” Patch diz que ela também. Ela continua: “as pessoas a quem ajudamos não teriam para onde ir. Você é um homem de bem.” Carin fala um pouco de si mesma e diz que, quando criança invejava as lagartas, pois elas se transformavam nas lindas criaturas que podiam ir embora voando, imaculadas, acontecesse o que fosse antes.</p>
<p>Buscaglia (1994)</p> <p>Amor, aprendizagem e constante modificação.</p>	<p>Cenas 126 e 127: Carin entra em casa com compras e checa a secretária eletrônica, ouvindo o recado de Larry, pedindo ajuda e desejando falar com alguém em sua casa. Supera a inquietação e vai até lá. O encontra tocando piano e pergunta como ele está. Diz que tem pouco tempo e ele afirma que não demorará.</p>
<p>Borysenko (2000)</p> <p>Amor, troca; honestidade e comunicação permanente; clareza; vontade firme para falar sobre assuntos delicados.</p>	<p>Cena 129: Patch entra na sala do Reitor Anderson, que pede para ele sentar, dizendo-lhe que aconteceu algo na noite passada, que assassinaram Carin Fischer, ela estava com Larrwood Silver que atirou nela e depois se suicidou. O Reitor diz: “Patch, sinto muito. Sei que ela era sua amiga. Se puder ajudar de alguma forma... Que tragédia!” Patch não consegue dizer nada.</p> <p>Cena 131: Truman diz para Patch: “[...] você está sendo egoísta, o lugar foi ideia sua, mas todos lhe ajudaram. É de todos [...] Carin sempre estará presente, mas se você abandonar o projeto, se o deixar morrer [...] dediquei todo meu tempo livre para lhe ajudar a levar a cabo um projeto bom e puro. Largar não vai lhe ajudar [...] A morte de Carin não anula a ajuda aos outros.” Patch diz: “ela pressentiu.”</p>
<p>Outros Significados</p>	<p>Cenas do filme associadas a esses Significados</p>
<p>Shinyashiki e Dumêt (1988, p. 19-20)</p> <p>“O amor é uma viagem para dentro de nós, na busca de repostas que</p>	<p>Cena 133: No sítio, junto ao precipício, Patch conversa com Deus e blasfema, na desesperada tentativa de encontrar resposta. Ele se sente responsável pelo ocorrido com Carin. Uma borboleta pousa em sua pasta e voa até o seu peito. Ele a pega suavemente na ponta do dedo, solta-</p>

<p>nos revelam o que não está certo conosco [...]"</p>	<p>a e sorri ao vê-la voar livremente, retomando a lembrança da cena 121. Retorna decidido a continuar com o projeto.</p>
<p>Leloup (2002 a, p. 127)</p> <p>"[...] tudo o que fazemos com amor é a boa hora reencontrada; desse modo, a felicidade nos é dada por acréscimo."</p>	<p>Cenas 134, 135 e 136: Patch entra no Hospital procurando Mich. Ao encontrá-lo, pergunta-lhe se ele ainda precisa da sua ajuda (solicitada na cena 132). Truman busca a Sra. Kennedy. Mich o ajuda. Na área externa Patch e uma equipe a esperam com uma piscina cheia de macarrão. Com um sorriso, ela levanta os braços. Patch a chama: "vamos Aggie". Mich, ajudado por Truman, a carrega e a entrega a Patch que realiza o sonho que ela havia lhe contado na cena 76, quando Patch, Carin e Truman despertaram Jackie para realizar seu sonho com brincadeiras de safári e todos os pacientes daquela enfermaria se envolveram.</p>
<p>Welwood (2000)</p> <p>Amor, verdade; liberdade; apoio e estímulo; consciência; quebra de obstáculos.</p>	<p>Cena 61: O Reitor Walcott chama Patch até sua sala e lhe diz: "Chequei você Hunter. O Dr Prack foi meu colega. Disse que você é brilhante, mas, como muitos assim, não se sujeita a regulamentos [...] Também soube que sua paixão é ser médico, Hunter [...] Mas a verdade, Hunter, é que paixão não faz o médico. Eu faço o médico [...] Estudantes não atendem pacientes até o terceiro ano. Nosso método é o resultado de séculos de experiências. Existe por uma razão. Este é o meu hospital e sei tudo o que se passa nele. Tudo."</p> <p>Cena 82: O Reitor alcança Patch no corredor e lhe pergunta: "quando disse que conhecia o Dr Prack (cena 61), o levei a pensar que sou um moleirão como ele? Tire essa bata. Eu disse que não veria pacientes até o terceiro ano." Patch responde que estava visitando amigos. O Reitor acrescenta: "que faz aqui? Se quer ser palhaço vá para o circo. Pacientes não querem um palhaço nem amigos. Querem um médico."</p> <p>Cenas 137, 138, 139 e 140: Patch recebe das mãos de Judy uma carta, logo após ajudar Mich (superando obstáculos evidenciados nas cenas 83 e 87) com a Sra. Kennedy. Patch entra na sala do Reitor Walcott e lhe pergunta o porquê da carta de expulsão. Walcott responde: "há condutas a seguir. Deixa todo mundo desconfortável." Patch lhe diz que ele é o único que se sente desconfortável. Os dois discutem. Patch pergunta-lhe sobre o seu arquivo e o Reitor responde que é confidencial. Patch entra na sala dos arquivos e, sob o protesto da secretária, pega o seu. Patch e Truman olham o arquivo e constatam que Walcott está determinado a não deixá-lo ser médico e que até o Reitor Anderson assinou o documento que o acusa de "exageradamente feliz". Truman chama a atenção de Patch para as suas notas e Patch afirma que precisa lutar.</p>
<p>Covey (2000)</p> <p>Amor, empatia; atenção; cortesia; generosidade; respeito à palavra dada; franqueza e honestidade no trato dos problemas; sinceridade; entrega; ajuda; respeito; dignidade; justiça; paciência; cuidado.</p>	<p>Cena 141: Patch procura Mich no Hospital, que o orienta a apelar para a Junta Médica Estadual, alegando que foi tratado injustamente. Mich lhe pergunta se ele sabe o que Walcott tem contra ele. Patch entrega-lhe o seu arquivo e pergunta-lhe se conflito de personalidade pode impedi-lo de formar-se. Mich lembra que Patch enfrenta uma instituição médica, na qual eles fazem as próprias leis. Recomenda-lhe que procure enfatizar suas notas, relembra que ele já é quase médico e a Junta é formada por médicos, portanto é relevante tratá-los como colegas.</p>

	Orienta-o a devolver seu arquivo e usar terno no dia da Junta.
Outros Significados	Cenas do filme associadas a esses Significados
Buscaglia (2000) Amor, desenvolvimento; processo de construção.	Cena 142: A sala está repleta no dia da Junta Médica Estadual. O médico que a preside trata Patch com atenção e austeridade alternadas. Patch é acusado de exercício da medicina sem licença. Explica que todos que vão ao sítio são pacientes e médicos, pois, de alguma forma, precisam de ajuda física ou psicológica. Reitera que cuidam uns dos outros, cozinhando, limpando ou simplesmente ouvindo. Assegura que usa a palavra médico em sentido amplo, uma vez que a medicina deve implicar ajuda ao próximo. Fala do inevitável impacto que um ser humano causa no outro e lembra a preleção da Faculdade, com relação à transferência e à distância profissional.
Frei Leonardo Boff, in: Shinyashiki & Dumêt (1988) Amor, criatividade; a maior afirmação da vida; irradia alegria fontal.	Cena 142: Patch, dirigindo-se aos estudantes presentes na sala da Junta, pede-lhes, emocionadamente e irradiando alegria fontal, que não se deixem anestésiar.
Redfield & Redfield (2000) Amor, plenitude; força, energia que estimula a criatividade e estabelece a paz; reconhecimento e aceitação.	Cena 142: Patch, dirigindo-se ao presidente da Junta diz: "Senhor quero ser médico de todo meu coração. Quero ser médico para ajudar o próximo [...] Quero dedicar a vida a isso. E, hoje, seja qual for sua decisão, juro por Deus que serei o melhor médico de todo o mundo. Podem me impedir que eu me forme, podem me negar o título e a bata branca, mas não podem dominar meu espírito nem evitar que eu aprenda. Não podem me impedir de estudar. Portanto têm uma escolha. Podem me ter como um colega apaixonado ou como um intruso, mais ainda inquebrantável. Seja como for, ainda serei um espinho, mas prometo, serei um espinho que não podem arrancar." O presidente da Junta lhe pergunta se é tudo. Patch responde que espera que não.
Chopra (2000) Amor, decisão, distribuição; aprovação; atenção, ouvir por inteiro; afeto, mostrando o quanto o outro é importante.	Cena 142: Antes da pausa proposta pela Junta, Truman entra na sala com as crianças visitadas por Patch e os respectivos cuidadores delas no Hospital. Todos se viram de costas e, quando se voltam novamente de frente, estão com o nariz de borracha vermelha. Emocionado, Patch agradece. A Junta os observa e se retira silenciosamente.
Levine & Levine (2000) Amor, perdão; ternura; solidariedade.	Cena 143: A Junta retorna. O presidente diz: "Hunter Adams você nos acusa de usar os métodos consagrados que têm sido a base da instituição médica. Contudo não criticamos suas tentativas de melhorar a qualidade de vida ao seu redor. Não criticamos seu desejo de ampliar os métodos e as teorias atuais. Louvamos seu afeto pelo paciente. Suas notas estão entre as melhores de sua classe. Portanto não há motivos para impedir que se forme. Junto com sua conduta grosseira e desdenhosa, você carrega uma chama que esperamos que se espalhe por toda a profissão médica. E, Reitor Walcott, no futuro, assuntos como este poderão ser resolvidos se praticar um pouco de 'felicidade excessiva'." A explosão de alegria toma conta do local. Professores sorriem contidamente, Mich vibra entusiasmado e o Reitor demonstra seu constrangimento. É visível o contentamento no rosto do Professor Eaton, de Truman e de todos com os quais Patch se relaciona.

<p>Leloup (2002 b)</p> <p>Amor, conhecimento; compartilhamento.</p>	<p>Epílogo: Durante os doze anos subsequentes à formatura, Hunter “Patch” Adams abriu um ambulatório onde tratou de mais de quinze mil pacientes de graça, sem seguro de imperícia médica nem recursos formais. Ele comprou os cento e cinco hectares em West Virgínia e construiu o Hospital Gesundheit. Sua filosofia é baseada na crença de que o médico deve melhorar a qualidade de vida do paciente e não apenas adiar sua morte.</p>
---	--

Fonte: Os autores, a partir dos dados da pesquisa

Os conteúdos registrados no QUADRO 3 mostram que, além do filme microanalisado, os significados atribuídos à palavra amor, pelos autores que o compõem, não estão distantes do que trouxeram Sorokin *apud* Buscaglia (1995), Nascimento (1977) e todos os demais autores citados nos QUADROS 1 e 2. De igual modo, não estão distantes do que se necessita ter nas organizações para que a derrubada do poder autoritário e a reeducação das pessoas em suas vivências emocionais nas relações de trabalho deixem o *status* de anseio e se possa criar um clima de confiança e ajuda mútua.

No mundo acadêmico, se incorporados como expressões de uma mesma necessidade, como proposto por Alves (2010), o senso comum e a ciência podem ocupar o espaço científico na Administração, como mostrado no filme “Patch Adams, o Amor é Contagioso”. Pela ótica de Brandão (2004, p.111), esse filme mostra que “[...] envolvimento e amor podem e devem ser utilizados como instrumentos de cura. E o conservadorismo no tratamento dos problemas – sejam eles no campo de atividade que forem – forçosamente impede o avanço da técnica e do progresso profissional.”

Assim, a questão do como é possível investigar o construto amor no campo da Administração pode ser respondida, inicialmente, por meio deste estudo observacional indireto, desde que o olhar científico dos pesquisadores em Administração seja capaz de alcançar os meandros do senso comum que coabitam os espaços científicos, como visto em Alves (2010; 2009); Mattos (2009); Abbagnano (2003); Sorokin, *apud* Buscaglia (1995), Nascimento (1977) e em todos os autores citados no QUADRO 02.

Relembre que o filme analisado é baseado em fatos verídicos, possíveis, portanto, de serem confrontados empiricamente pela observação participante direta. O *Gesundheit* é um Instituto de saúde sem fins lucrativos, no âmbito da Lei das Organizações sem Fins Lucrativos do Distrito de Columbia. Os membros do Instituto são profissionais e educadores de saúde. A intenção desse Instituto é atuar com o modelo criativo para resolver problemas e desencadear, em cada unidade médica, a concepção dos seus próprios ideais – para a prestação de cuidados de saúde em um contexto que é o ideal de concepção – e educar outros profissionais de saúde a conceber seus modelos ideais de cuidados.

6. Considerações Finais

Este artigo foi iniciado com um título que remete à dicotomia. Não por acaso. Faz parte da demarcação científica. Foi finalizado com a expectativa de contribuição para que tal demarcação esteja extinta, como alguns cientistas e filósofos já a consideram, e para que a dialética seja contemplada, possibilitando, assim, a troca da conjunção alternativa para a conjunção aditiva em um futuro título.

Em breve incursão pela prática, além do filme analisado, Hunter Adams (2009) criador do Instituto *Gesundheit* diz que o modelo do Instituto é projetado para proteger os cuidados com o núcleo da interação médica e é organizado em torno dos seguintes princípios: atendimento gratuito; pacientes tratados como amigos; amplo tempo dedicado aos cuidados da interação (por exemplo, as entrevistas iniciais com os pacientes são de três horas); toda medicina

complementar é bem-vinda; a saúde dos funcionários é tão importante quanto a dos pacientes; no cuidado com saúde estão infundidos diversão e lazer.

Esta pesquisa indicou que: para que os modelos dos dirigentes organizacionais falem de amor, a vivência das relações precisa ser alcançada pela compreensão de que dela depende a plenitude dos resultados, seja a atividade coletiva ou individual e pela percepção acurada de que, sem a dimensão desse construto, não poderão ser facilmente experimentados o trabalho social, o espírito de equipe, a consciência política, a qualidade de vida ou a realização pessoal, pois nenhum deles é um ato individual, mas fruto das vivências das relações sociais nas organizações; para que o projeto dessas organizações seja holístico faz-se necessário sedimentar o ato de reestruturar as relações nas organizações, de modo a incorporar a integração do amor ao trabalho, erradicar a separatividade entre a pessoa e o profissional e, sobretudo, considerar o indivíduo no contexto dos grupos, dos departamentos, das organizações, da sociedade; se a intenção das organizações for demonstrar respeito pelo tempo, esforço, trabalho e disposição de dar e receber ajuda, talvez se faça necessário, também, incorporar o amor em ações decisórias, operacionais, de criatividade, produtividade, eficácia e efetividade organizacionais.

Para tanto, o olhar atento desses dirigentes talvez possa prescrutar que, na prática, a necessidade de amor nas organizações é amplamente manifesta, quando se traduz pelo desejo de reconhecimento, desenvolvimento de laços de solidariedade, vivências de relações de confiança, companheirismo, necessidade de pertencimento, dentre inúmeras outras possibilidades de manifestações desse construto.

Por intermédio desta pesquisa e tomando-se por base o estudo observacional indireto nela desenvolvido, pode-se dizer que o construto amor não está fadado a permanecer no rol das palavras proibidas pelos cientistas. Se tal construto, algum dia incluir-se-á explicitamente na lista das palavras permitidas na Administração, as pesquisas publicadas nesse sentido poderão dizer.

Ressalte-se que o modelo de Hunter Adams e sua equipe fala de amor porque é organizado em torno de princípios humanísticos, com base em valores como: empatia, amor, respeito, amizade, compaixão, justiça e envolvimento. Adams (2009) afirma: “somos o único Hospital dos EUA onde se pode trabalhar com amor. No projeto do nosso Hospital, o primeiro conceito interessante é fazê-lo fabuloso para o atendente e para eliminar esgotamentos emocional e físico.” Observe-se que existe uma estrutura organizacional por trás desse projeto, a qual está pautada no compartilhamento do poder para realizar as ações.

Portanto a questão poderá vir a ser também respondida em futuras pesquisas, por meio de estudo observacional direto e participante, a partir dos estudos de Hunter Adams e sua equipe, que administram o Instituto *Gesundheit* baseados no amor, como principal valor e na crença de que não se pode separar a saúde do indivíduo, pois ela deve partir da saúde da família, da comunidade, do mundo e do sistema de cuidados de saúde em si.

Percebe-se, pelos QUADROS 1 e 3, que no âmbito prático da Administração, pensamentos esparsos, isolados e até considerados idealistas vêm sendo timidamente anunciados, enfatizando os modelos desapaixonados de gestão que impedem as pessoas de se sentirem vivas no trabalho. No âmbito científico, tais pensamentos poderão ser investigados como possíveis ações que estimulem o envolvimento e o comprometimento das pessoas nas organizações por intermédio da presença desse construto, a exemplo do que foi registrado no QUADRO 02.

A partir dos seis aforismos trazidos para este artigo, pergunte-se: o que impediria, em tais investigações, considerar que amor, trabalho produtivo e relações de poder poderão constituir, explicitamente, aspectos intercomplementares e interdependentes nas organizações?

Referências - Científicas

ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ASHMOS, D.P.; DUCHON, D. *Spirituality at work: a conceptualization and measure*. Journal of Management Inquiry, v. 9, n. 2, 2000. p. 134-145.

ADIZES, I. *Gerenciando as mudanças: o poder da confiança e do respeito mútuos*. São Paulo: Livraria Pioneira, 1991.

ALVES, R. *Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras*. São Paulo: Loyola, 2010.

ALVES, R. *Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação*. São Paulo: Loyola, 2009.

ALMEIDA, M. J. *Imagens e sons: a nova cultura oral*. Coleção Questões da Nossa Época, n 32, São Paulo: Cortez, 2004.

AUMONT, J.; MARIE, M. *Dicionário teórico e crítico do cinema*. São Paulo: Papirus, 2003.

BRANDÃO, A. B. *Convivencialidade e exercício do poder: antagonismo ou espaço para a solidariedade?* In: Agostinho, M. E.; Bauer, R. & Predebon, J. *Convivencialidade: a expressão da vida nas empresas*, São Paulo: Atlas, 2002. p.72-79.

BRANDÃO, M. S. *Leve seu gerente ao cinema: filmes que ensinam*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Petrópolis: Vozes, 2008.

COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. *Métodos de pesquisa em administração*. Porto Alegre: Bookman, 2003.

DAVEL, E.; VERGARA, S.; GHADIRA, S. ; FISCHER, T. *Revitalizando a relação de ensino-aprendizagem em administração por meio de recursos estéticos*. In: Anais do XXVIII EnANPAD. Curitiba: ANPAD, 2004.

DAVEL, E.; VERGARA, S. C.; GHADIRA, D. P. *Concluindo – a arte no ensino de administração e administração com arte*. In: DAVEL, E.; VERGARA, S. C.; GHADIRI, D. P. (Org.) *Administração com arte: experiências vividas de ensino–aprendizagem*. São Paulo: Atlas, 2007. p. 287 – 290.

DEMO, P. *Metodologia do conhecimento científico*. São Paulo: Atlas, 2000.

DUARTE, R. *Cinema e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

DUCHON, D.; PLOWMAN, D. A. *Nurturing the spirit at work: impact on work unit performance*. *Leadership Quarterly*, v. 16, 2005. p. 807-833.

ESPINAL, L. *Consciência crítica diante do cinema*. São Paulo: LIC Editores, 1976.

FLICK, W. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman, 2004.

- IPIRANGA, A. S. R. *A narração fílmica no ensino de gestão de pessoas e de comportamento organizacional*. In: DAVEL, E.; VERGARA, S. C.; GHADIRI, D. P. (Org.) *Administração com arte: experiências vividas de ensino-aprendizagem*. São Paulo: Atlas, 2007. p. 81 – 91.
- GAVIN, J. H.; MASON, R. O. *The virtuous organization: the value of happiness in the workplace*. *Organizational Dynamics*, v. 33, n. 4, 2004. p. 379-392.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.
- KANT, E. *Crítica da razão pura*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966.
- KETS DE VRIES, M. F. R. *Creating authentic organizations: well-functioning individuals in vibrant companies*. *Human Relations*, v. 54 n.1, 2001. p. 101-111.
- KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- LEITE, N. R. P.; LEITE, F. P. *Um estudo observacional do filme Denise Está Chamando à luz da teoria de ação de Chris Argyris e Donald Schön*. In: *Revista de Gestão da USP – REGE USP*, v.14 n. especial. São Paulo: FEA-USP, 2007. p. 77-91.
- LEITE, N. R. P.; LEITE, F. P. *A linguagem fílmica na formação e no fortalecimento de grupos, equipes e times de trabalho: aplicações do estudo observacional*. In: *Revista de Gestão da USP – REGE USP*, v.17, n.1, São Paulo: FEA-USP, 2010. p. 75-97.
- MARCIC, D. *Como administrar com a sabedoria do amor*. São Paulo: Cultrix, 2003.
- MATTOS, P. L. C. L. *“Administração é ciência ou arte?” O que podemos aprender com este mal entendido?* In: *Revista de Administração de Empresas – RAE*, n.3, v.49, São Paulo: FGV, Julho/Setembro, 2009. p. 349-360.
- MEDEIROS, J. R. *O amor renovando o trabalho*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- MILLIMAN, J.; CZAPLEWSKI, A. J.; FERGUSON, J. *Workplace spirituality and employee work attitudes: an exploratory empirical assessment*. *Journal of Organizational Change Management*, v. 16, n. 4, 2003. p. 426-447.
- NAPOLITANO, M. *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2009.
- NASCIMENTO, K. *Comunicação interpessoal eficaz: verdade & amor*. Série Desenvolvimento de Executivos, n. 13, Rio de Janeiro: INCISA – Informação Científica Sociedade Anônima, 1977.
- PASCHOAL, T.; TORRES, C. V.; PORTO, J. B. *Felicidade no trabalho: relações com suporte organizacional e suporte social*. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 14, n. 6, Nov./Dez. Curitiba: ANPAD, 2010. p. 1054-1072.
- PECI, A. *Além da dicotomia objetividade-subjetividade*. In: VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. M. (Orgs.). *Pesquisa qualitativa em administração*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- POPPER, K. R. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix., 2006.
- PITOMBO, N. *Consultoria de organizações – um ato amoroso de compartilhar*. Recife: Bagaço, 1996.

PREDEBON, J. *Trabalhai em equipes, cresci e multipliquei-vos*. In: Agostinho, M. E.; Bauer, R. & Predebon, J. *Convivencialidade: a expressão da vida nas empresas*, São Paulo: Atlas, 2002. p.72-79.

REGO, A. *Empregados felizes são mais produtivos?* Revista de Estudos Politécnicos. Polytechnical Studies Review, v. 7, n. 12., Tékhne, 2009. p. 215-233.

ROCHA, S. R. M. *Convivencialidade: será que estamos preparados?* In: Agostinho, M. E.; Bauer, R. & Predebon, J. *Convivencialidade: a expressão da vida nas empresas*, São Paulo: Atlas, 2002. p.72-79.

ROGERS, C. R. *Liberdade para aprender*. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.

SAMPAIO, M. A. L. & LEITÃO, S. P. *Economia de comunhão e organizações de aprendizagem: compatibilidades conceituais*. Revista de Administração Pública, v. 41, n. 3, Maio/Jun, Rio de Janeiro, 2007. p. 419-42.

SANDERS, T. *O amor é a melhor estratégia*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

STRACK, G.; FOTTLER, M. D.; WHEATLEY, M. J.; SODOMKA, P. *Spirituality and effective leadership in healthcare: is there a combination?* *Frontiers of Health Services Management*, v. 18, n. 4, 2002. p. 3-17.

WHEATLEY, M. J. *Liderança e a nova ciência*, São Paulo: Cultrix, 1996.

WARR, P. B. *Work, happiness and unhappiness*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2007.

VANOYE, F.; GOLIOT-LÉTÉ, A. *Précis D'Analyse Filmique*. Paris: Éditions Nathan, 1992.

VERGARA, S. C. *Métodos de pesquisa em administração*. São Paulo: Atlas, 2005.

Referências – Senso Comum

ADAMS, H. <http://www.patchadams.org/pt.br/node/188>. Acessos em 07.04.2009 e 24.04.2009.

BOLMAN, L. G.; DEAL, T. E. *Liderança com alma*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

BORYSENKO, J. *A fumaça que envolve o coração*. In: CARLSON, R.; SHIELD, B. (Eds.). *Os caminhos do coração*, Rio de Janeiro: Sextante, 2000. p. 38-43.

BUSCAGLIA, L. *Celebrando o amor*. In: CARLSON, R.; SHIELD, B. (Eds.). *Os caminhos do coração*, Rio de Janeiro: Sextante, 2000. p. 154 – 160.

BUSCAGLIA, L. *Vivendo, amando e aprendendo*. Rio de Janeiro: Record, 1995.

BUSCAGLIA, L. *Amor*. Rio de Janeiro: Record, 1994.

BUSCAGLIA, L. *Nascido para amar*. Rio de Janeiro: Record, 1993.

CARLSON, R.; SHIELD, B. *Caminhos do coração*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

CHOPRA, D. *A voz do coração*. In: CARLSON, R.; SHIELD, B. (Eds.). *Os caminhos do coração*, Rio de Janeiro: Sextante, 2000. p. 103-107.

CHOPRA, D. *As sete leis espirituais do sucesso*. São Paulo: Best Seller, 1994.

COVEY, S. R. *Amor bastante para todos*. In: CARLSON, R.; SHIELD, B. (Eds.). *Os caminhos do coração*, Rio de Janeiro: Sextante, 2000. p. 108-113.

FEYERABEND, P. *Contra o método*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

FROMM, E. *Ter ou ser?* Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

GAWAIN, S. *Coquetel de amor*. In: CARLSON, R.; SHIELD, B. (Eds.). *Os caminhos do coração*, Rio de Janeiro: Sextante, 2000. p. 149-153.

GIBRAN, K. G. *O profeta*. Rio de Janeiro: Mansour Challita, 1978.

HAY, L. L. *A fonte do amor-próprio*. In: CARLSON, R.; SHIELD, B. (Eds.). *Os caminhos do coração*, Rio de Janeiro: Sextante, 2000. p. 24-30.

HELLINGER, B.; HÔVEL, G. *Constelações familiares: o reconhecimento das ordens do amor*. São Paulo: Cultrix, 2004.

HENDRIX, H. *O amor no espelho*. In: CARLSON, R.; SHIELD, B. (Eds.). *Os caminhos do coração*, Rio de Janeiro: Sextante, 2000. p. 24-30.

HOFFMAN, I. *O tao do amor*. Rio de Janeiro: Campus, 1994.

KAUFMAN, S. L. *O amor sempre vence*. In: CARLSON, R.; SHIELD, B. (Eds.). *Os caminhos do coração*, Rio de Janeiro: Sextante, 2000. p. 44-48.

KORNFELD, J. *O coração é a fonte*. In: CARLSON, R.; SHIELD, B. (Eds.). *Os caminhos do coração*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000, p. 81-90.

KUSHNER, R. H. *Dar e receber amor*. In: CARLSON, R.; SHIELD, B. (Eds.). *Os caminhos do coração*, Rio de Janeiro: Sextante, 2000. p. 114-121.

LELOUP, J-Y. *Amar... apesar de tudo*. Campinas: Verus, 2002 (a).

LELOUP, J-Y. *A arte da atenção: para viver cada instante em sua plenitude*. Campinas: Verus, 2002 (b).

LEVINE, S.; LEVINE, O. *O coração está sempre aberto*. In: CARLSON, R.; SHIELD, B. (Eds.). *Os caminhos do coração*, Rio de Janeiro: Sextante, 2000. p. 62-66.

REDFIELD, J.; REDFIELD, S. M. *Ouvindo por amor*. In: CARLSON, R.; SHIELD, B. (Eds.). *Os caminhos do coração*, Rio de Janeiro: Sextante, 2000. p. 91-96.

SALZBERG, S. *A força da benevolência*. In: CARLSON, R.; SHIELD, B. (Eds.). *Os caminhos do coração*, Rio de Janeiro: Sextante, 2000. p. 67-73.

SHADYAC, T. (Direção). *Path Adams, o amor é contagioso*. EUA: Estúdio Blue Wolf / Bungalow 78 Productions / Farrell/Minoff, 1998.

SHIELD, B. *Vocação para o amor*. In: CARLSON, R.; SHIELD, B. (Eds.). *Os caminhos do coração*, Rio de Janeiro: Sextante, 2000. p. 138-143.

SHINYASHIKI, R. T.; DUMÈT, E. B. *Amar pode dar certo*. São Paulo: Gente, 1988.

